

BRIGAS EM FAMÍLIA

Em discurso a políticos do PSDB, Fernando Henrique faz juras de amor eterno ao partido, mas defende namoro com PFL e PPB

Marcelo de Moraes e
Mauro Zanatta

Da equipe do Correio

No dia do seu aniversário (66 anos comemorados ontem), o presidente Fernando Henrique Cardoso dedicou boa parte de um discurso de 30 minutos ao PSDB, numa tentativa de acalmar os ânimos do partido, irritado com o seu encontro de segunda-feira com o ex-prefeito Paulo Maluf, em Brasília, e com a crescente influência do PFL no governo. Durante um coquetel em sua homenagem organizado pelos tucanos, Fernando Henrique distribuiu elogios ao PSDB, lembrou que é o partido no poder, mas defendeu a participação de outras legendas no governo.

"As transformações que estamos levando adiante não podem ser feitas

com um partido só", afirmou. "O PSDB, por ser o partido do presidente, muitas vezes abre mão de justas reivindicações", afirmou.

O coquetel, realizado no Clube das Nações, reuniu líderes do PSDB e ministros dos partidos alinhados, que se serviram de canapés durante as três horas de espera pelo presidente. O presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela Filho (AL), fez as honras de anfitrião e discursou elogiando a estabilidade econômica do país, a política social do governo e o futuro brilhante que espera para o País na virada do milênio.

O deputado Aécio Neves (MG), líder do partido na Câmara, entretanto, foi direto ao ponto, deixando claras as insatisfações do tucanato. "É uma felicidade ver que o nosso caro presidente preferiu comemorar seu

aniversário em família. Aqui estão seus companheiros", disse. "Tenha certeza do orgulho sincero, não eventual, de cada um dos companheiros que estão aqui, de participar de seu governo", acrescentou Aécio, referindo-se claramente à aliança com o PFL. "Seus companheiros lutarão para estar a seu lado contribuindo com uma parcela, às vezes, pouco reconhecida para esse novo Brasil", alfinetou.

AFAGOS

Na hora do seu discurso, Fernando Henrique ajeitou a gravata e, sorridente, distribuiu afagos ao seu partido. Segundo ele, os comentários de que o PSDB não acompanha as posições do governo em votações importantes no Congresso não se realizam na prática. "Quando se olha os resultados, esses maus agouros não se realizam", afirmou. Mesmo assim, ele insistiu na participação do PFL no governo. Conforme o presidente, o seu programa de governo não é apenas seu ou do PSDB, mas da sociedade que o elegeu.

Fernando Henrique rebateu a pe-

cha de *muristas* atribuída aos tucanos. "Já não dá mais para dizer que tucano fica no muro. Ao contrário, tucano faz proposta, desafia e pede que votem. E vai ao País e diz o que quer. E insiste quando perde, mas se rende sempre à democracia", afirmou, sempre na linha de elogiar o partido e, ao mesmo tempo, defender sua posição de aproximação com o PFL. "Se um partido se isola, ele se torna arrogante", disse. E recomendou: "É preciso ter capacidade de convencer, de ser convencido. É preciso assimilar as posições contrárias, estar aberto ao diálogo".

As críticas o presidente reservou à oposição. "Fico surpreso com aqueles que deveriam estar apoiando, com vigor, as reformas", afirmou. "Já não é mais nem sequer interesse eleitoral. Eleitoralmente, isso será um desastre para quem continuar se opondo aos avanços que estamos proporcionando ao Brasil". Fernando Henrique mandou ainda outro recado à oposição e aliados. "Está muito cedo

para se falar em eleições. O povo se cansa de fofocas. Qualquer encontro que eu tenha vira já uma especulação inútil", avisou. "Nós estamos empenhados não em eleição, mas em coisas mais urgentes como a votação das reformas", irritou-se.

DESCONTRAÇÃO

No final do discurso, Fernando Henrique tentou descontrair o clima de resposta às "justas reivindicações" do PSDB e confessou: "Para quem está no exercício da Presidência, querendo falar e não podendo, querendo replicar e calando, sabe que mais vale construir do que justificar-se ou ganhar no debate", reconheceu. E terminou o discurso com juras de fidelidade ao partido. "Pode ser que o presidente, às vezes, dê a impressão de que não está olhando para o seu partido", afirmou. "Mas é que, às vezes, é melhor fingir que não está olhando para poder olhar com mais força, dentro do coração".



As lideranças do partido, em especial as de São Paulo, saíram mais tranquilas do encontro, mas não totalmente convencidas da sinceridade do presidente. "O drama não foi o encontro do presidente com Maluf, mas a forma como foi feito, sem falar nada a ninguém", comentou, magoado, o senador Osmar Dias (PR).

"O problema é que há desconfiança do PSDB em relação ao governo e vice-versa", reconheceu o ex-presidente do partido, Pimenta da Veiga. O senador José Roberto Arruda (DF), líder do governo no Congresso, preferiu contemporizar. "Ele falou como se fala com a mulher amada quando ela está com ciúmes", ironizou.

O deputado João Leão (BA) encareceu-se de demonstrar que persiste a insatisfação dos tucanos com a aproximação do presidente e Maluf, deixando claras também as divergências com o PFL. "O tucanato de São Paulo está sofrendo na pele o que nós sofremos, na Bahia, com o Luís Eduardo Magalhães. Como dizia meu pai, pimenta no dos outros é frescor", ironizou.